



Catálogo Epigráfico de Lousada: primeiros resultados

Cristiano Cardoso* e Luís Sousa**

Palavras-chave

Epigrafia; Idade Moderna; Lousada.

Keywords

Epigraphy; Modern Age; Lousada.

Resumo

Apresentam-se os primeiros resultados de um projeto que tem como propósito a salvaguarda, fixação, valorização e divulgação do património epigráfico do concelho de Lousada. Apesar de o número de inscrições, até ao momento analisado, ser bastante mais alargado, pelo seu carácter excecional ou pela novidade que trazem, é agora dado a conhecer somente um conjunto de 16 inscrições, conjunto este que julgamos diversificado e que reflete a riqueza do universo da epigrafia moderna lousadense, que nos propomos analisar.

Abstract

We present the first results of a project that aims the safeguarding, fixing, development and promotion of epigraphic heritage of Lousada county. Although the number of inscriptions analysed so far is considered to be quite longer, for their exceptional character or by the novelty they bring, it is now presented only a set of 16 inscriptions. A set which is considered to be diverse, reflecting the richness of the universe of Modern epigraphy of Lousada that we intend to analyse.

* Técnico Superior de História. Câmara Municipal de Lousada.

** Arqueólogo. Câmara Municipal de Lousada.

1. Introdução

O presente texto ambiciona a fixação de alguns resultados do trabalho desenvolvido, no concelho de Lousada, no âmbito do Projeto *CEL – Catálogo Epigráfico de Lousada*, concretamente na faixa oeste daquela parcela administrativa, bem como concorrer para uma maior divulgação do Projeto, através da reunião de maior número de dados, num meio de divulgação mais abrangente. Uma considerável parte do estudo que agora apresentamos já obtivera divulgação através de outros meios, mais circunscritos geograficamente e, porventura, menos adequados à apresentação deste tipo de matérias¹.

Como ficará exposto ao longo das páginas seguintes, no concelho de Lousada existe uma rica epigrafia moderna, que aguarda estudo e análise de conjunto. O facto de não existirem levantamentos gráficos e de a sua leitura estar maioritariamente inédita, tem impedido que estes documentos ganhem espaço nos estudos desenvolvidos sobre o território em apreço. Ainda assim, conquanto não fosse o seu verdadeiro objeto de estudo, alguns textos lousadenses, gravados em suporte pétreo, despertaram interesse em Martins Sarmento, por finais do século XIX (Sarmento, 1999: 138-139). Mais recentemente, outros trabalhos têm surgido, com a preocupação de analisar estes monumentos de forma mais rigorosa².



Figura 1. Mapa do concelho de Lousada (anterior à reforma administrativa), com indicação das freguesias onde o Projeto CEL tem tido mais atuação.

¹ Referimo-nos, concretamente, aos estudos apresentados, no âmbito do Projeto *CEL*, pelos subscritores deste artigo na *Revista Municipal de Lousada* (Cardoso e Sousa, 2013; Sousa e Cardoso, 2013; 2015).

² Num trabalho monográfico dedicado à freguesia de Silves procurou-se apresentar o decalque das inscrições encontradas (Magalhães *et. al.*, 2009). Refira-se que, no âmbito deste estudo, foi descoberta pelos subscritores do presente artigo uma ara romana epigrafada, que veio a dar origem a um estudo ulterior mais aprofundado (Sousa, 2010). Outros trabalhos foram surgindo, fora do âmbito do *CEL*, com destaque para o artigo “Dois documentos epigráficos medievais inéditos da igreja de Boim (Lousada)”, que, decididamente, precisa de uma revisão completa das leituras apresentadas (Cardoso e Sousa, 2011); uma menção, igualmente, para contributos surgidos já durante o desenvolvimento do Projeto *CEL* (Nunes e Lemos, 2014; 2015). Por fim, menção a um trabalho recente surgido em contexto monográfico, da paróquia de Covas (Lousada), que se assume, igualmente, como um contributo relevante, na medida em que obedece aos mesmos critérios metodológicos (Cardoso e Sousa, 2015).

Se algumas inscrições, pela brevidade do texto, nos limitam as considerações, outras, dada a possibilidade de cruzamento de uma densa informação de cariz sociocultural e religiosa, de largo espectro territorial, permitem, como veremos, mais alargados apontamentos. É neste sentido que expomos o conjunto epigráfico seguidamente arrolado, revelando, deste modo, o valor documental que este tipo de monumento encerra, bem como a sua importância enquanto fonte para a história local e regional.

2. O Projeto

O Projeto mencionado tem como principal objetivo a salvaguarda, fixação, valorização e divulgação do património epigráfico do concelho de Lousada. Implementado segundo procedimentos técnico-científicos preconizados pelos principais autores e investigadores da temática, este Projeto obedece a um planeamento rigoroso, que conduzirá a uma identificação que se pretende o mais completa possível do real *corpus* epigráfico lousadense. O presente trabalho visa ainda o reconhecimento da particularidade dos testemunhos epigráficos como documentos/monumentos para uma interpretação crítica e global da história do território, que hodiernamente compreende o concelho de Lousada. Assim, pretende-se caracterizar os modelos epigráficos existentes na área geográfica do estudo e estabelecer leituras comunicantes com a epigrafia portuguesa em geral, mas muito particularmente com as evidências epigráficas do Sousa e Tâmega.

No respeitante ao estudo das inscrições e dos suportes em que se acham gravadas, optámos por adotar o postulado por José d'Encarnação (1997), Armando de Mattos (1943; 1946) e Mário Barroca (2000) para a epigrafia clássica e medieval, adequando-se a metodologia empregue nos seus estudos aos períodos moderno e contemporâneo, em virtude da falta de manuais de referência que nos norteiem nestas épocas históricas.

Sem pretendermos ser exaustivos, cumpre esclarecer o esquema que seguiremos no estudo dos monumentos epigráficos. Assim, para além

da imperativa designação e localização geo-administrativa, e não necessariamente por esta ordem, atenderemos na tipologia (ara, estela, placa, pedestal, miliário, lintel, padieira, silhar, coluna, penedo, tampa de sepultura, cruzeiro, entre outros que, a ocorrerem, oportunamente serão incluídos), material (calcário, mármore, granito, xisto, metal, madeira, etc.), paradeiro (quando deslocado do local de origem), descrição, dimensões (sempre em centímetros, expostas do seguinte modo: altura x largura x espessura), leitura interpretada, tradução (sempre que se justifique, predominantemente nos casos de inscrições em latim), altura das letras e espaços interlineares, bibliografia, variantes de leitura e comentário paleográfico e histórico.

Assim, auguramos com este Projeto firmar no tempo um ímpar e abrangente conjunto de documentos que enriquece o concelho de Lousada e nos possibilita compreender melhor certos momentos da sua História.

Foi definido um escalonamento metodológico para o Projeto, que se concretiza de duas formas. As Fases correspondem a uma proposta metodológica no sentido de estabelecer uma diacronia dos procedimentos técnico-científicos. As Etapas garantem a observação e a materialização de zonas geográficas, permitindo uma periodização das ações.

Nesta conformidade, temos quatro fases: identificação, levantamento e inventariação de epígrafes; leitura e interpretação, redação de textos e elaboração de grafismos; edição monográfica e lançamento do *Catálogo Epigráfico de Lousada*; e, por fim, divulgação e valorização. Estas etapas concretizam uma divisão geográfica do concelho de Lousada, de carácter meramente metodológico e orientador do progresso do trabalho.

Concretizando o que fica exposto, relativamente à Fase 1 passamos a definir o seguinte:

- identificação: através de um conjunto de processos, que inclui a pesquisa bibliográfica e documental exaustiva, a exploração sistemática do território (prospe-

ção) e a recolha de informação oral, será compendiada toda a informação relativa a epígrafes que permita um reconhecimento ordenado da realidade concelhia desta tipologia de património.

- levantamento: aplicação de técnicas de levantamento de epígrafes, adequando os processos às características e fragilidades do suporte em questão. O decalque com recurso a polietileno transparente, o levantamento monocromático e aplicação de luz rasante constituem os principais métodos de levantamento epigráfico.
- inventariação: elaboração de uma ficha de inventário, que permitirá a descarga das informações, entretanto, coligidas nos dois procedimentos técnicos anteriores. Esta ficha de inventário constituirá a base da análise e da interpretação articu-

lada dos dados, integrando os conteúdos das futuras formas de divulgação (monografia, exposições, conteúdos pedagógicos, etc.) e subsidiando a realização de textos e grafismos.

A principal característica inovadora deste Projeto consistirá na aplicação de uma metodologia de pesquisa, baseada num profundo conhecimento do território e na determinação de um modelo de apresentação dos dados muito apelativo e claro.

“A epigrafia de cada povo, de cada país, de cada civilização, não é igual à de outro povo, de outro país, de outra civilização. Cada região tem o seu carácter próprio” (Mattos, 1946: 18). É este individualismo que queremos verificar e evidenciar para o concelho de Lousada com o Projeto agora divulgado.

2. Catálogo Epigráfico de Lousada

N.º 1

Designação: epígrafe da Igreja de Figueiras.

Tipologia: silhar (arco cruzeiro).

Material: granito.

Localização: adro da igreja d'O Salvador de Figueiras, União de Freguesias de Figueiras e Covas.

Descrição: estamos perante uma inscrição memorativa, realizada num silhar de granito de grão fino, de formato retangular (107,4 cm x 69,6 cm x 20 cm). Pela configuração e dimensão que apresenta, supomos que o silhar integrava o pilar do arco cruzeiro, demolido em finais do século XVIII, correspondendo a face epigrafada ao intradorso do referido arco cruzeiro. No plano superior do silhar, vemos um escudo peninsular pleno, com as armas de Almeida³ (18,5 cm x 23,1 cm), sobreposto a uma cruz da Ordem de Malta, encontrando-se este

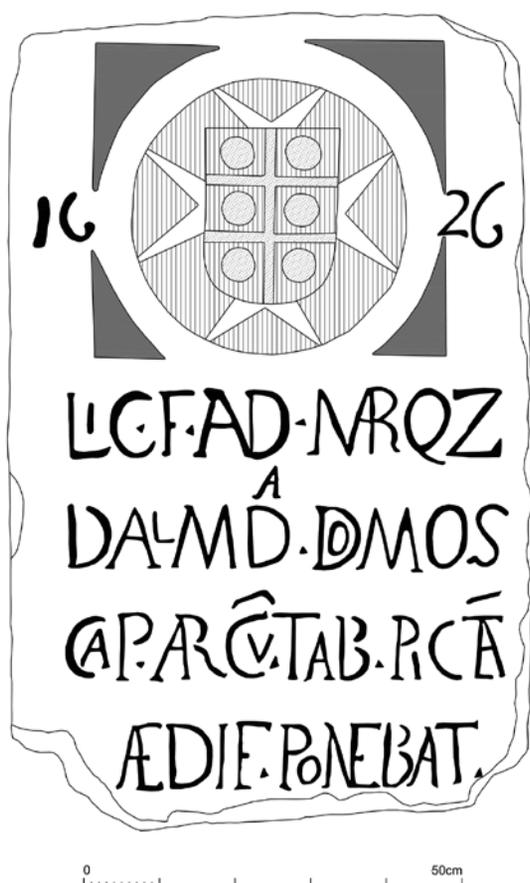


Figura 2. Levantamento gráfico da epígrafe da Igreja de Figueiras.



Figura 3. Epígrafe da Igreja de Figueiras.

³ De vermelho, com uma dobre cruz, acompanhada de seis besantes, tudo de ouro.

conjunto heráldico enquadrado por uma cartela sub-retangular (41 cm x 46 cm). A ladear estas representações encontra-se a data 1626, cuja leitura se obtém pela combinação do numeral 16, de um lado, e do numeral 26, do outro lado.

Leitura:

1626

$L(I)C(enciati) \cdot F(rater) \cdot \overline{(A)N(D)}(reas) \cdot \overline{M(AR)Q}(ue)Z / DA(L)M(ei)D(A) \cdot \overline{D(O)}MOS / C(A)P(ellae) \cdot \overline{A(R)CU}(M) \cdot \overline{T(A)B}(ulam) \cdot \overline{P(I)CT}(AM) / \overline{A(E)DIF}(dificandi) \cdot \overline{P(O)N}(E)BAT$

Tradução⁴:

1626 (mil seiscentos e vinte e seis)

O Licenciado Frei André Marques de Almeida patrocina os meios (ou põe recursos) para edificar o arco da capela e o altar pintado.

Altura das letras: L1: 9,97 (8,65) (I = 3,99); L2: 8,45 (8,02) (L = 4,05; O = 4,5); L3: 8,93 (7,72) (A = 5,17; V = 3,74; A = 6,53; I = 3,6); L4: 8,95 (7,93) (O = 3,69) cm.

Espaços interlineares: L1: 4,25; L2: 6,35; L3: 6,12; L4: 5,7; L5: 0,66 (3,9) cm.

Bibliografia: Nunes, Sousa e Gonçalves (2008: 110). Os autores não apresentam leitura da epígrafe, revelando algumas hesitações na sua análise, talvez pelo facto de, há data dos trabalhos, o silhar estar embutido num muro e a inscrição parcialmente enterrada.

Comentário paleográfico: no cômputo geral do monumento epigráfico, os caracteres numéricos são os únicos que figuram fora do campo epigráfico propriamente dito, não obedecendo a qualquer prévio *ordinatio*. Julgamos mesmo que estes terão sido, eventualmente, gravados quando o “documento” já estava terminado, uma vez que foram cinzelados entre dois espaços em que a cartela não fecha, revelando execução posterior, constatada pela sobreposição dos numerais à direita sobre uma das extremidades da referida cartela. Apresentam altura média de 6,9 cm. Os numerais 1 e 6 evidenciam ulterior avivamento, o que se depreende pela superior largura e profundidade do sulco relativamente aos numerais 2 e 6.

A inscrição é composta por quatro regras, abertas num campo epigráfico com 61,9 cm de altura e 69,6 cm de largura, com o texto, regularmente dimensionado e espaçado, a denunciar prévia paginação, através do desenho de linhas guia. As três primeiras regras estão perfeitamente alinhadas, quer à esquerda, quer à direita, enquanto a quarta se acha centrada relativamente às restantes. O próprio campo interlinear é regular, principalmente entre o texto, com um espaçamento médio de 6 cm. Da globalidade da inscrição sobressai a equilibrada composição epigráfica, que espelha uma elevada qualidade do *ordinatio*, bem como o trabalho de um lapicida experimentado. Embora as duas primeiras regras revelem avivamento, depreende-se que, de um modo geral, o autor seguiu um coerente critério na abertura das letras, no tocante à espessura do traço, de perfil em “V”, da sua profundidade, assim como na execução das serifas (prolongamento ou remate das letras). Esta regularidade acha-se de igual forma presente no uso de abreviaturas, nexos, contrações e letras em expoente. Na primeira linha, observa-se a aplicação de uma contração e dois nexos, na segunda, um expoente corrente e um incluso e um nexo, na terceira, quatro contrações e dois nexos e, na última, observa-se o recurso a uma contração e de dois nexos. A fórmula braquigráfica seguida pelo lapicida possibilitou a distribuição uniforme das letras em cada uma das regras, resultando, ainda que longo, num texto de fácil leitura e interpretação. Na separação das palavras, à exceção da última palavra da quarta regra, foram empregues um total de nove pontos distinguentes, de formato triangular, abertos a bisel, sem orientação determinada. Apenas surge na primeira regra um ponto distinguente, a meia altura entre as palavras; nas restantes regras surgem lavrados no terço inferior.

⁴ Queremos agradecer ao Professor Doutor José D’Encarnação e à Professora Doutora Paula Barata Dias (Universidade de Coimbra) por, mais uma vez, acederem, com enorme disponibilidade, ao nosso pedido de tradução do texto latino que consta das epígrafes agora apresentadas. Sem este contributo ser-nos-ia impossível avançar com uma leitura e interpretação completa e rigorosa dos monumentos em análise.

Comentário histórico: como o padroado d’O Salvador de Figueiras estava na posse da Ordem de Malta, era aos abades desta Igreja, por delegação do padroeiro, que estava atribuída a fábrica da capela-mor. Por seu turno, a fábrica da Igreja, isto é, a manutenção do corpo da Igreja, incumbia aos fregueses, que, para o efeito, se constituíam em confraria de subsino, ou sob outra forma de organização, representada por um juiz eleito anualmente entre os fiéis. Deste modo, quaisquer obras de reforma ou reedificação ficavam sob a responsabilidade de uma destas duas entidades, incluindo-se, neste contexto, o provimento de alfaias litúrgicas, paramentos, sinos e demais peças.

A inscrição da Igreja insere-se neste contexto, ou seja, na sequência de uma reedificação da capela-mor, juntamente com um conjunto de outras obras que tal construção implicava, entre as quais destacamos a edificação do arco cruzeiro e a execução de um retábulo na parede fundeira.

Em 1626, o abade André Marques de Almeida promoveu a reedificação da capela-mor da Igreja de Figueiras e fez questão de deixar uma memória desse seu ato, através de uma inscrição num dos silhares, que, segundo cremos, compunha o pilar do arco cruzeiro. Mais de 150 anos depois, em 1790, a Igreja foi alvo de nova e profunda reforma, que terá implicado a demolição desse anterior arco cruzeiro. Contudo, a pedra que continha a inscrição foi preservada, acabando por ser embutida num muro que, na mesma época, foi construído para circunscrever o adro. Mais recentemente, na sequência de obras de requalificação do espaço contíguo à Igreja, o silhar foi removido e transferido para local exclusivo, onde ficou mais valorizado.

Após a sua inclusão no muro do adro, uma alteração da cota do piso fez com que ficasse parcialmente enterrado, impossibilitando a leitura da última regra da inscrição. Atualmente, o monumento encontra-se conservado no lado norte da Igreja, integrado num suporte concebido para o efeito.

Todas as extremidades do bloco apresentam fraturas e desgaste decorrentes das diversas remoções a que foi submetido. A sua espessura varia entre os 8 cm e os 23 cm, sendo mais grosso na base.

A inscrição refere-se ao patrocínio da obra do arco cruzeiro e de um “altar pintado” por parte de frei André Marques de Almeida. Consideramos, portanto, que nesta época se procedia a uma reconstrução completa da capela-mor da Igreja, cuja fábrica competia exclusivamente à Ordem de Malta, na sua qualidade de padroeira. Não obstante esta circunstância, o abade terá subsidiado à sua custa parte da construção. Depois da publicação da primeira notícia acerca desta epígrafe, descobrimos um inventário de bens da paróquia de Figueiras⁵ que ajuda a sustentar esta ideia, que resultara somente da tradução do texto latino. Neste documento ficaram registadas diligências do pároco a favor da fábrica da capela-mor, entre as quais se conta a colocação de um frontal, de um cálice de prata, de castiçais, de armários, etc. A este rol acrescenta-se a referência às obras:

“No dito anno [1626] fes o dito licenciado de seu fundamento o arco da cappella a que acrescentou de cantaria, e forrou de novo, fes as (...) sercou o campo junto a (...) Pos mais o Licenciado Frei Andre Marquez no mesmo anno hum retabolo na capella mor de obra de talha que custou vinte e seis mil reis em branco, o que tudo fes sem lhe ser mandado”.

Como se infere, o abade mandou fazer à sua custa o arco cruzeiro e o retábulo-mor, para além de mandar cercar um campo, possivelmente do passal. Não eximindo o padroeiro de proceder à devida reparação da capela-mor, frei André Marques de Almeida quis, por vontade própria, por devoção ou graça, contribuir para a obra, deixando dessa motivação a memória epigráfica apresentada.

⁵ Trata-se, mais precisamente, de uma listagem de bens móveis e de obras que os sucessivos párocos foram acrescentando ao longo dos anos, conforme as necessidades do culto e do seu magistério. Esta listagem foi sendo sancionada com os vistos do visitador, garantindo-lhe total credibilidade. O documento está truncado e misturado entre róis de crismados, para além de estar indexado na paróquia de Lodares, facto que ainda mais dificultava a sua identificação e plena compreensão (Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. Freguesia de Lodares. *Inventário de peças e ornamentos da Igreja*).

N.º 2

Designação: epígrafe da Capela de Nossa Senhora da Misericórdia.

Tipologia: lintel.

Material: granito.

Local: Capela de Nossa Senhora da Misericórdia, União de Freguesias de Figueiras e Covas.

Descrição: a inscrição gravada no lintel granítico (23 cm x 174 cm) da porta lateral da Capela de Nossa Senhora da Misericórdia exhibe duas regras, achando-se o texto enquadrado, ao centro, por um motivo circular com o diâmetro de 21,5 cm, em que se encontra lavrada uma cruz da Ordem de Malta, à qual se sobrepõe um escudo (11,7 cm x 8,1 cm) com as armas de Almeida.

Leitura:

M(AR)IA(E)·M(ise)(R)IC(o)R(d)IA(E) M(isere)(R)I · MIA(E) · D(omino) · A(nno) 1636 / [L]IC(en-
ciati) · F(rater) · ANDREAS M(AR)Q(u)EZ DALM(ei)(D)(a)

Tradução: À nossa Senhora da Misericórdia, para que tenha piedade de mim. Ano do Senhor de 1636 (mil seiscentos e trinta e seis).

O Licenciado Frei André Marques de Almeida.

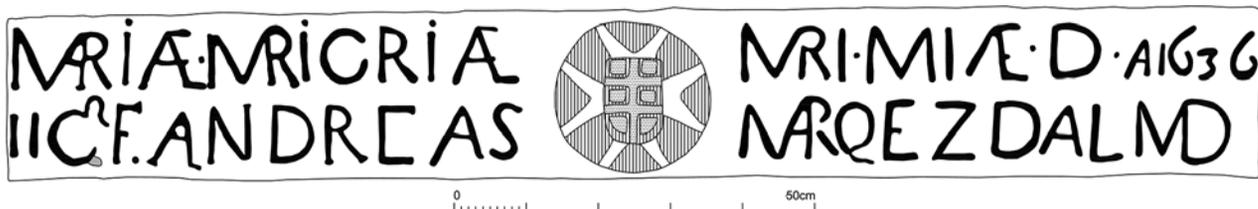


Figura 4. Levantamento gráfico da epígrafe da Capela de Nossa Senhora da Misericórdia.

Altura das letras: L1: 9 (7,2)(A = 5,3; I = 4,3; 6 = 6,8; 3 = 4,3; 6 = 6,6); L2: 9,6 (5,8) cm.

Espaços interlineares: L1: 5,7 (0,5); L2: 3,7 (0,8); L3: 3,2 (1,3) cm.

Bibliografia: Nunes, Sousa e Gonçalves (2008: 110-111). Em virtude da falta de informação histórica sobre a Capela, a inscrição é considerada inconclusiva. A leitura apresentada é a seguinte: MARLEMRICTIA(L?) MRIMLÆD A 16-6 / CF. ANDREAS MROEZDALMD.

Comentário paleográfico: apesar de a inscrição denunciar prévia paginação, são várias as falhas que se detetam na abertura das letras, designadamente na palavra “ANDREAS”, na qual o lapicida não grava a haste horizontal central do “E”, bem como erros no latim da palavra “MIAE”, que o executante escreve com “I”, quando deveria ser com “E”.

De um modo geral, estamos perante um texto que nos revela uma execução pouco cuidada, facto este que nos leva a considerar que esta inscrição foi executada por um lapicida distinto daquele que concebeu a da Igreja



Figura 5. Epígrafe da Capela de Nossa Senhora da Misericórdia.

d'O Salvador de Figueiras. Porém, é crível que o responsável desta inscrição da Capela possa ter observado a anterior e nela se tenha inspirado, particularmente na fórmula de abreviar as letras “MAR”, que se encontram a formar, na primeira regra, a palavra “MARIÆ”, e, na segunda regra, a palavra “MARQUEZ”.

Como dissemos antes, o texto encontra-se alinhado e as palavras ordinariamente espaçadas, numa clara intenção de aproveitar ao máximo o campo epigráfico disponível. Apesar de algumas imprecisões, resulta numa equilibrada e regular composição epigráfica. Contrariamente à inscrição da Igreja, onde se constata o emprego de abreviaturas, nexos, contrações e letras em expoente, esta apenas apresenta nexos, como forma de rentabilizar o campo epigráfico. Só na primeira regra foram utilizados seis, enquanto, na segunda, apenas se constata a presença de dois, muito por força de nesta linha as palavras nos aparecerem abertas quase por extenso.

Uma outra inconstância verificada nesta inscrição da Capela de Nossa Senhora da Misericórdia é a colocação dos pontos distinguentes. De formato circular, surgem, na primeira linha, abertos a meia altura das palavras, enquanto, na segunda linha, aparecem ordenados pela base. Por sua vez, entre as palavras “MARQUEZ” e “DALMEIDA” não houve lugar à gravação de um ponto distinguente, o que, neste caso, obrigaria a uma conveniente separação entre as palavras, para serem dissipadas eventuais dúvidas na leitura.

Comentário histórico: a Capela de Nossa Senhora da Misericórdia tem origem anterior ao ano de 1623, vindo já referida no *Catálogo dos Bispos do Porto*. Desse primitivo edifício dos princípios do século XVII já nada resta. A Capela foi profundamente remodelada durante a segunda metade do século XVIII, conforme evidencia a sua arquitetura atual, de pendor barroco tardio (Cardoso, 2008: 61-62). Entre estes dois momentos ter-se-ão sucedido inúmeras intervenções na Capela, reformas de menor ou maior impacto, que tiveram por intuito a preservação do edifício e a decência do culto.

O lintel colocado sobre as ombreiras da porta norte da Capela ostenta uma inscrição mandada lavrar pelo mesmo abade André Marques de Almeida, que se deverá reportar a um desses momentos de reforma da Capela. Admitimos que se possa tratar de uma combinação de duas intenções: um registo de uma reforma arquitetónica patrocinada pelo abade, associada a um voto ou promessa feito por frei André Marques de Almeida.

Tal como a epígrafe precedente, também este monumento epigráfico da Capela de Nossa Senhora da Misericórdia ostenta uma inscrição de carácter monumental. O suporte, de granito de grão ligeiramente mais fino e de tonalidade mais escura que a pedra usada na construção da Capela, concorre para a ideia de se tratar de um elemento reaproveitado.

Perante isto, julgamos que, em 1636, a Capela terá sido alvo de recuperação, cujas obras, desenvolvidas sob o patrocínio de frei André Marques de Almeida, terão, eventualmente, sido realizadas em cumprimento de um voto. Posteriormente, mercê de uma nova recuperação, a Capela foi profundamente remodelada, durante a segunda metade do século XVIII, como atesta a atual arquitetura do templo. Os obreiros desta última reforma resolveram preservar o lintel com a inscrição do templo precedente, reintegrando-o na estrutura do novo edifício.

O encomendante

Tendo-se afigurado possível a identificação do promotor destas duas epígrafes (N.º 1 e N.º 2), justifica-se que se experimente uma breve resenha biográfica de frei André Marques de Almeida. Foi abade de Figueiras entre os anos de 1623 e de 1636⁶. Bacharel em Cânones, pela Universidade de Coimbra, em 1618, sendo já então padre, era natural de São João da Foz do Douro (Porto) e filho de Pedro Marques⁷. Era tio materno do seu sucessor na paróquia de Figueiras, o abade Manuel da Rua, filho da sua irmã Ajuda da Rua, também moradora na Foz⁸.

⁶ Este intervalo temporal infere-se através dos registos paroquiais nos quais o abade intervém, incluindo-se aqui o excerto do inventário de peças e ornamentos entretanto identificado. Estamos, portanto, perante uma cronologia conjetural, que poderá ser afinada através da compulsação de outras fontes.

⁷ Informações gentilmente pesquisadas no Arquivo da Universidade de Coimbra e cedidas pelo confrade Pedro França (*Geneall*).

⁸ Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. Freguesia da Foz do Douro. Óbitos, 1644-1703: fl. 17v.

Frade professo da Ordem de Malta e capelão do bailio de Leça (Matosinhos), Dom Frei Luís Álvares de Távora recebeu deste último, a título de doação, segundo se presume, uns terrenos na Foz do Douro. Em 1640, celebrou um contrato com o prior do Mosteiro de Santo Tirso, pelo qual doava esses mesmos terrenos e casas para que aí se construísse a nova Igreja Paroquial de São João da Foz, que era do padroado do dito mosteiro beneditino (Correia, 2009: 451).

Por volta de 1635 ou 1636, a abadia d'O Salvador de Figueiras vagou, por renúncia deste frade, desconhecendo-se as razões que o levaram a resignar. Para o suceder foi nomeado o seu sobrinho, Manuel da Rua.

São raros os registos lavrados pela mão de frei André Marques de Almeida nos livros paroquiais de Figueiras. A coadjuvável-lo na paróquia, ao longo dos cerca de 13 anos do seu ministério, teve, pelo menos, quatro curas: António Neto de Beça, Melchior Francisco Vieira, Luís Coutinho e Domingos de Sousa. A maior parte dos officios e dos registos foram da responsabilidade dos curas, admitindo-se que o abade estivesse longas temporadas ausente da paróquia.

Tudo indica que regressasse à Foz do Douro, onde viveu e veio a falecer, a 6 de outubro de 1648. Fez testamento em que deixou por herdeira e testamenteira a Irmandade da Misericórdia do Porto, instituindo um legado pio. Foi enterrado em carneiro seu na capela-mor da Igreja de São João da Foz⁹.

O abade André Marques de Almeida foi muito interventivo na freguesia de Figueiras, designadamente no que se refere a obras materiais. As duas inscrições que sobreviveram até aos nossos dias são um perfeito testemunho dessa sua ação, mas podemos ainda acrescentar as profundas obras de restauro e ampliação que mandou fazer nas casas da residência, conforme relata o seu sucessor no Tombo da Comenda de Santa Eulália da Ordem.

N.º 3

Designação: epígrafe do Penedo do Sol.

Tipologia: penedo.

Material: granito.

Localização: Lugar do Sol, União de Freguesias de Figueiras e Covas.

Descrição: a inscrição do Penedo do Sol situa-se junto a um muro de sorte, no cimo de uma pequena tapada de mata. O penedo granítico que serve de suporte à inscrição revela formato cónico, mais largo na base que no topo, tendo um perímetro máximo de aproximadamente 700 cm e de altura 230 cm. No topo encontra-se encaixado um cruzeiro, em granito, de boas proporções, com haste de 176 cm de altura e braços de 74 cm de comprimento. Quer a haste, quer os braços apresentam secção octogonal de 19 cm. A base é quadrangular (20 cm x 19 cm), com um ligeiro estreitamento (19 cm x 18 cm), tendo no penedo sido realizada uma cavidade (20 cm x 19 cm) para encaixe.

Leitura:

ESTA ERMI/DA D(e) S(*ant*)A LV/ZIA MA(n)D(O)V FA/Z(e)R FR(E)EI EIT(O)R / D(e) SA(*nta*)
M(A)(*ria*) P[er]O F(e)R(*nande*)Z / O FEZ / CAPE/LA[m] D(O) I[n]FA/MTE D(O)M / LVIS / TIZ(O)
VREIR(O) / D(O) M(O)STEIR(O) / DE LECA NA / ERA 1548.

Bibliografia: Peixoto (1915). Trata-se do primeiro autor a apresentar uma leitura da epígrafe, que foi a seguinte: [face nascente] ESTA ERM/IDA D SA LV/ZIA MADU FA/ZR FR EITOR / DSNPRZ / TEZ; [face norte] CAPE/LA DIFA/TEM DOM / LVIS; [face poente] TIZOVREIRO / D MSTEIRO / DE LECA NA / ERA 1548; perante esta leitura, o autor interpretou “que houve naquele sítio uma ermida de Santa Luzia erigida por frei Heitor de San Prz..., tesoureiro do mosteiro de Leça na era de 1548, capela(?) ou capelão do infante D. Luiz”. Sobressai neste primeiro estudo sobre a epígrafe do Penedo do Sol a dificuldade em perceber o nome religioso do frade e a menção ao provável lapicida.

⁹ Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. Freguesia da Foz do Douro. Óbitos, 1644-1703: fl. 38v.

Nunes, Gonçalves e Cardoso (2007: 39-56); Nunes, Sousa e Gonçalves (2008: 110). Nestes dois estudos, a proposta de leitura avançada coincide, no fundamental, com a do padre Francisco Peixoto. São apresentados os desdobramentos de algumas abreviaturas, mas mantêm-se a omissão do nome religioso do frade e do hipotético lapicida e algumas hesitações na definição da data.

Comentário paleográfico: datada de 1548, a inscrição monumental do Penedo do Sol, gravada em letra capital, distribui-se por três faces, aproximadamente voltadas para este, norte e oeste, devendo ler-se nesse sentido. Seguindo a ordem descrita, a inscrição revela o conteúdo seguinte:

Face este: neste quadrante do Penedo, a inscrição é encimada por uma cruz da Ordem de Malta, com 41 cm de diâmetro. Esta é facilmente identificada pela sua particular característica – quatro braços que se juntam nas bases, conformando, nas extremidades, oito pontas.

Compreende esta parte da epígrafe seis regras e, como se verá nas restantes, verifica-se que, pelas dimensões dos espaços interlineares e interliterais e pela altura das letras, o texto se acha regularmente dimensionado e alinhado, depreendendo-se que este terá sido gravado após prévia paginação, tendo obedecido ao traçado de linhas guia ou de apoio intermédias, que auxiliaram o lapicida a vincar e firmar no tempo a inscrição. A superfície onde esta foi gravada revela deliberada intensão de desbravamento e rebaixamento da rocha, com o fito de criar uma face plana e bem regularizada, para facilitar a abertura das letras. O campo epigráfico mostra uma altura de 156 cm e 117 cm de largura, área que, aquando da gravação do texto, não foi utilizada na totalidade. Todavia, para manter a regularidade da altura e espaçamento das letras, o lapicida recorreu ao uso de abreviaturas, nexos e uma contração a meia altura das letras. Duas das abreviaturas foram conseguidas pela adição do til sobre as palavras “MANDOV” e “SANTA”, ressaltando-se a particularidade de, na palavra “MANDOU”, se verificar, conjuntamente, um nexos no “DO”. Uma outra abreviatura nota-se na palavra “PERO”. Tal como no texto gravado na face oeste, verificamos o emprego do encolhimento do “O” a meia altura das letras, neste caso entre o “T” e o “O” da palavra “EITOR”. Um outro nexos observa-se na palavra “MARIA”, composta somente por um “M”, com um “A” centrado em expoente.

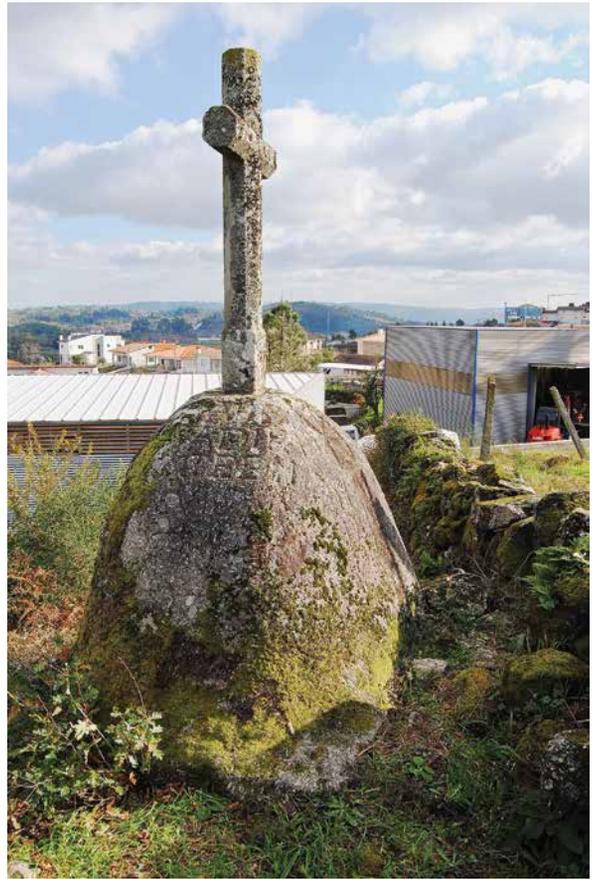


Figura 6. Penedo do Sol.

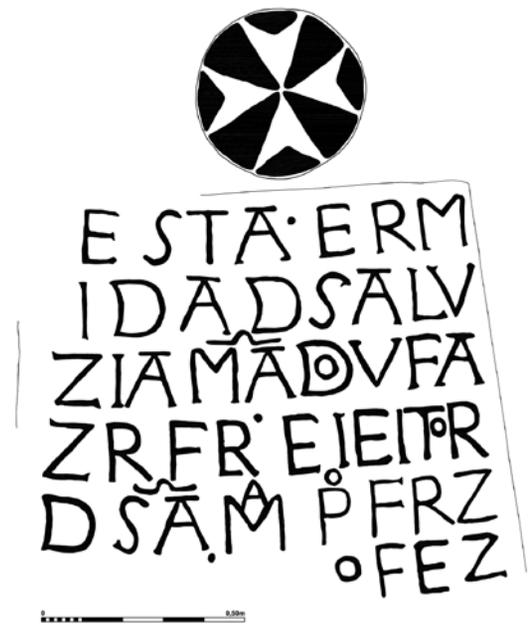


Figura 7. Levantamento gráfico da epígrafe da face este do Penedo do Sol.

De todas as faces, esta é a única parte da inscrição em que confirmamos o uso de pontos como elementos de separação de palavras. Um provável ponto distinguente surge na primeira linha, a meia altura da última letra da palavra “ESTA”. O sulco não é tão definido quanto os restantes, mas parece ser intencional, conquanto haja um evidente espaçamento entre as palavras. Aos restantes dois não lhe conferimos dúvidas, ainda que apareçam postos de modo distinto – um em expoente e um outro na base, como se de um ponto final se tratasse. Reportamo-nos, concretamente, ao ponto elevado no fim da palavra “FR(E)”, ainda que erradamente colocado, uma vez que a palavra tem prosseguimento para além do mesmo, e ao ponto colocado abaixo do “A” do termo “SANTA”.

Resta-nos referir, a propósito desta inscrição, que a palavra “FRE”, com o “E” em nexa, pese embora possuir ponto distinguente em expoente e haver uma clara separação relativamente à palavra seguinte, reflete uma hesitação do lapicida, pois a duplicação do termo “EIEI”, ainda que unido, corresponde à parte final da palavra “FREI” e ao início da palavra “EITOR”.

Altura das letras: L1: 13,6 (12,6); L2: 14,1 (12,9); L3: 13,8 (11,9) (abrev. MA = 17,8); L4: 15,2 (12,9) (nexo RE + ponto distinguente = 15,2); L5: 14,7 (12,3) (abrev. SA + ponto distinguente = 20,4/nexo MA = 18,1/abrev. PO = 18,6); L6: 6,1 (10,7) cm.

Espaços interlineares: L1: 3,8 (3,4); L2: 4,6 (4,2); L3: 4,1 (3); L4: 4,1 (2,5); L5: 3,8 (2,9); L6: 2,4 (1,5) cm.

Face norte: com quatro regras, seguidas de um grafito, a epígrafe da face norte é a que compreende o texto mais curto. Porém, revela algumas particularidades interessantes que convém realçar, designadamente a ausência de uma cruz da Ordem de Malta sobreposta à epígrafe e a presença de um grafito indecifrável, logo abaixo da palavra “LUIIS”.

As dimensões máximas do campo epigráfico cifram-se em 157 cm de altura e 70 cm de largura. Apesar de a superfície revelar um dimensionamento amplo, a inscrição não foi gravada numa extensão uniforme, tendo-se adaptado à morfologia do Penedo, quer à direita, quer em baixo.

Da análise efetuada ao texto, verifica-se, como observado nas faces este e oeste, a existência, na segunda e terceira linhas, de dois nexos inclusos, ambos tratando-se do “O” no interior da “pança” do “D”, respetivamente na contração “DO” (de + o) e na palavra “DOM”.

Na mesma linha do *ordinatio* constatado no texto da face este, é evidente o normal dimensionamento e enfileiramento das letras, depreendendo-se que este terá igualmente sido gravado após prévia paginação, tendo obedecido ao traçado de linhas guia ou de apoio intermédias.

Altura das letras: L1: 16,3 (14,3); L2: 14,5 (12,8); L3: 13,9 (13,1); L4: 14,2 (12,4) cm.

Espaços interlineares: L1: 3,2 (2,7); L2: 3,7 (3,6); L3: 4,9 (4,7); L4: 3,3 cm.

Face oeste: tal como na face este, igualmente se atesta lavrada uma cruz da Ordem de Malta, posto que de módulo ligeiramente maior, com 48 cm de diâmetro, porém, seguindo a sua típica forma de quatro braços, conformando, nas extremidades, oito pontas.



Figura 8. Levantamento gráfico da epígrafe da face norte do Penedo do Sol.

Compõe-se de quatro regras abertas num campo epigráfico sensivelmente com 93 cm de altura e 88 cm de largura.

A inscrição da face oeste não contempla qualquer abreviatura; antes contrações que visaram o máximo aproveitamento do campo epigráfico. Na primeira linha, a palavra “TIZOVREIRO” mostra-nos duas formas de abreviar: uma através do encolhimento do “O”, a meia altura das letras entre o “Z” e o “V”, e uma outra por elevação direta do “O” sobre o “R”, em expoente. As restantes contrações verificam-se na palavra “MOSTEIRO”, ambas elevadas. Eventualmente, poder-se-ia considerar o primeiro “O” como um nexa, todavia, por não haver conexão com o “M”, achamos que a opção tomada será, porventura, a mais correta. Na segunda linha, notamos o único nexa aqui empregue. Este acha-se na contração “DO”, tratando-se de um nexa inclusivo, isto é, a letra “O” foi gravada no interior do “D”, aproveitando, deste modo, o espaço vazio consequente da forma em “pança” do “D”.



Figura 9. Levantamento gráfico da epígrafe da face oeste do Penedo do Sol.

Altura das letras: L1: 14,3 (12,8) (cont. “RO” = 19,6); L2: 14,2 (12,5) (abrev. “MO” = 14,2); L3: 14,2 (12,8); L4: 13,3 (11,6) cm.

Espaços interlineares: L1: 2,2; L2: 2,9 (2,5); L3: 2,7 (2,2); L4: 3,5 (3,2) cm.

Comentário histórico: a inscrição do Penedo do Sol indica-nos, com clareza, a existência de uma Ermida consagrada a Santa Luzia, originalmente erigida naquele local. O padre Francisco Peixoto, nos seus artigos do princípio do século XX, já havia desmontado a lenda, perpetuada na tradição popular, apresentando uma primeira leitura e interpretação para a referida epígrafe (Peixoto, 1915: 2).

Frei Heitor de Santa Maria, pároco d’O Salvador de Figueiras e vigário do distrito da comenda de Leça, apresentado pelo infante D. Luís, comendador do Mosteiro de Leça, a 25 de novembro de 1540 (Figueiredo, 1800: 16), mandou construir, crê-se que à sua custa, a referida Ermida, não sendo conhecido, contudo, o rendimento aplicado à sua fábrica ou outras características do vínculo. Terá sido, com efeito, a falta de recursos que a conduziu quase à ruína, conforme se depreende dos *Autos de petição para mudança de capela*, a favor de José Ferreira Leal e de sua mulher, Josefa de Meireles Freire, datado de 19 de fevereiro de 1733. Aos suplicantes foi concedida licença para desmontar o que restava da Capela e trasladá-la para a sua Quinta do Casal. Ainda nesse mesmo ano a obra estava concluída e foi emitida licença para se proceder à bênção pelo pároco da freguesia¹⁰ (Silva, 1997: 136; Moura, 2009: 263). Efetivamente, após visita à Quinta do Casal, foi possível identificar um conjunto de elementos arquitetónicos, que confirmam a presença da Capela naquele local.

N.º 4

Designação: epígrafe da Casa da Poupa.

Tipologia: lintel/padieira.

Material: granito.

¹⁰ *Autos de petição para mudança de capela de Santa Luzia a favor de José Ferreira Leal da freguesia de Figueiras*. [Processo contendo vários documentos], 1733.

Localização: Terreiro da Casa da Poupa, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: no terreiro da Casa da Poupa, à direita do observador, encostado à parede da habitação, encontra-se, pousado no solo, um silhar de boas proporções, que poderá ter constituído um lintel de porta, contendo gravada uma inscrição memorativa em latim. O silhar (50 cm x 174 cm), em granito, encontra-se parcialmente fraturado nos cantos.

Leitura: ANNO × NATIVITATIS × / 1598 / NONIS × SEPTEMB(ribus) ×

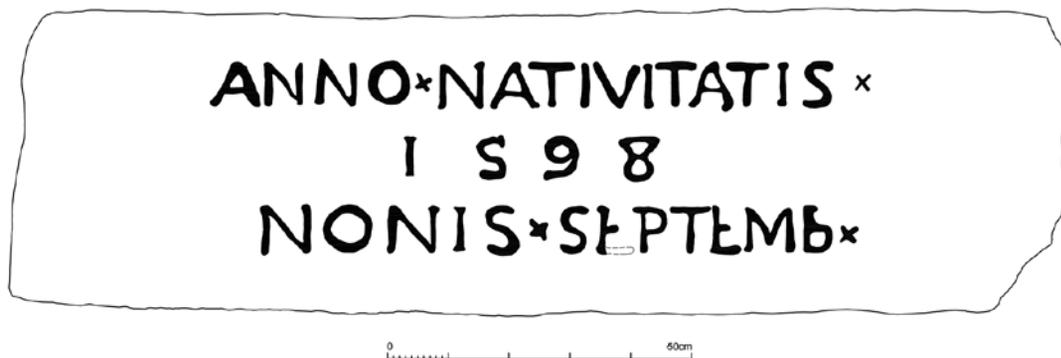


Figura 10. Levantamento gráfico da epígrafe da Casa da Poupa.

Tradução: Ano da Natividade de 1598, a cinco de setembro

Altura das letras: L1: 7,7; L2: 7,1; L3: 8 cm.

Espaços interlineares: L1: 8,4; L2: 4,3; L3: 4,2; L4: 9,9 cm.

Comentário paleográfico: as letras estão bem gravadas e apresentam boa leitura, dispendo-se o texto em três regras, com composição centrada relativamente aos limites do suporte, com uma organização que denota cuidada paginação prévia. As palavras encontram-se convenientemente separadas por símbolos distinguentes, em forma de aspa.

Os caracteres aparecem todos gravados em letra capital. Na palavra “SEPTEMB”, sem que se mostre ferida a leitura, foram intencionalmente suprimidos os traços horizontais dos “EE”, bem como foi igualmente excluída a representação da barriga superior do “B”. Nos caracteres numerais, tal como vimos verificando num grande número de inscrições lousadenses, o 1 aparece-nos, nesta epígrafe, representado com a letra alfabética “I” em maiúscula, sendo os restantes exibidos em numeração árabe.

Comentário histórico: esta epígrafe foi identificada em agosto de 2005, durante uma visita à Casa, e estudada pelos signatários do presente texto em maio de 2013. Admitimos, como hipótese, que este silhar esteja deslocado do seu contexto original. As características físicas do suporte e o aparato da inscrição sugerem que tenha estado associado a um edifício com certa envergadura arquitetónica e prestígio sociocultural. Não nos admiraria que fosse proveniente de uma das igrejas locais, Nespereira ou Lodaes, pois ambas sofreram profundas remodelações no decorrer dos séculos XIX e XX.

N.º 5

Designação: epígrafe da Capela de São Simão.

Tipologia: lintel.

Material: granito.

Localização: Capela de São Simão, lugar da Poupa, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

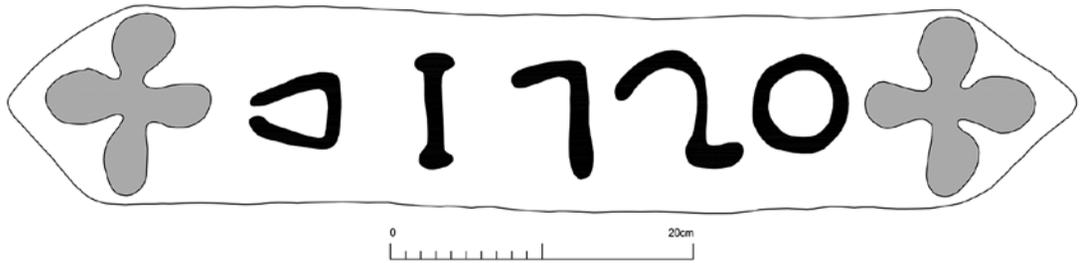


Figura 11. Levantamento gráfico da epígrafe da Capela de São Simão.

Descrição: inscrição gravada no lintel da porta principal da Capela, envolvida numa cartela retangular (13,5 cm x 70,5 cm), de extremidades terminadas em desenho trigonal. Dentro, distingue-se a data 1720, correspondente ao ano da construção, caracteres numéricos que se encontram ladeados por dois motivos florais quadrifoliosos.

Leitura: A(no) 1720 (ano de mil setecentos e vinte).

Altura dos caracteres: 6,8 cm.

Comentário paleográfico: entre o motivo floral à esquerda e o primeiro algarismo da data figura um elemento epigráfico, que, pese, embora, pouco definido, apontamos como se tratando da inicial cursiva “a” da palavra ano. O numeral 1, como constatado noutras ocasiões, foi inscrito com recurso à letra capital “I”.

Comentário histórico: a Capela de invocação a São Simão é um edifício religioso setecentista, que integra a propriedade da Casa da Poupá. De planta retangular, da sua construção sobressai o aparelho em junta seca, bem esquadriado em silharia de granito de grão médio. A data indicada na epígrafe coincide com a data da construção e sagração da Capela, cuja obra foi promovida por Manuel Lourenço de Magalhães, senhor da Casa da Poupá (Magalhães, 2014: 52, 53). A localização da Capela foi sempre alvo de alguma controvérsia, por se encontrar junto ao limite entre as paróquias de Nespereira e Lodares. Apesar de alguma documentação a situar em Nespereira, cumpre-nos acrescentar ao caso que, num livro de visitas de Lodares, o visitador inspeciona a Capela e lança capítulos sobre a mesma, denunciando que considerava o templo sob jurisdição do pároco de Santa Marinha.

N.º 6

Designação: epígrafe do Cruzeiro da Poupá.

Tipologia: cruzeiro.

Material: granito.

Localização: Lugar da Poupá, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: quatro caracteres numéricos gravados na face de um cruzeiro que formam a data 1721.

Leitura: 1721 (mil setecentos e vinte e um).

Altura dos caracteres: 5,8 cm.

Comentário histórico: implantado no cruzamento do Caminho Municipal 1156 com a Rua Primeiro de Maio, o Cruzeiro da Poupá é um elemento devocional setecentista, delimitado por plataforma circular, caracterizado por plinto moldurado, de perfil



Figura 12. Capela de São Simão.

quadrangular (61,5 cm x 61,5 cm x 71 cm), decorado com motivos florais e geométricos nas suas faces. Um sulco quadrangular aberto no topo deste elemento recebe uma cruz de 235 cm de altura máxima e 150 cm de largura, patenteando hastes vertical e horizontal, de perfil quadrangular (21 cm x 21 cm). A data inscrita corresponderá, cremos, ao ano da sua elevação. No mesmo plano, em relevo, pode observar-se uma roseta octopétala e a simbologia da Crucifixão – a escada, o martelo e a turquês.

N.º 7

Designação: epígrafe da Casa do Passadiço.

Tipologia: padieira.

Material: granito.

Localização: Lugar do Passadiço, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: a inscrição encontra-se gravada na padieira (43 cm x 285 cm x 38 cm) sobre o portal da Casa, voltado para a Rua do Passadiço.

Leitura: [...]ELA JOÃO 1842 D[oming]OS[?] TOV LDO[?]

Altura das letras: 13,7 cm.

Comentário paleográfico: as características do suporte, em granito de grão grosso, e a imprecisão com que foi feita a gravação impõem-nos muitas reservas na leitura desta epígrafe. O suporte irregular potenciou muitos destacamentos, observáveis especialmente na zona central da primeira letra, que poderemos identificar como um “F”, mas que, pelo seu desenho e por comparação, também poderiam resultar num “J” ou num “S”. A segunda letra também nos levanta dúvidas, embora estejamos mais seguros em aceitar tratar-se de um “e” cursivo. No outro extremo da superfície epigrafada foi chumbado um ferro para segurar uma ramada, que também impossibilita uma leitura precisa da penúltima letra. Com muitas reservas, admitimos tratar-se de um “D” minúsculo cursivo.

Comentário histórico: localizada nas proximidades do lugar da Bola, a Casa do Passadiço é uma habitação que compreende um conjunto de dependências correlacionadas, voltadas para um pátio comum, inserindo-se na tipologia de casas rurais lousadenses, integradas no seio de uma unidade de exploração agrária.

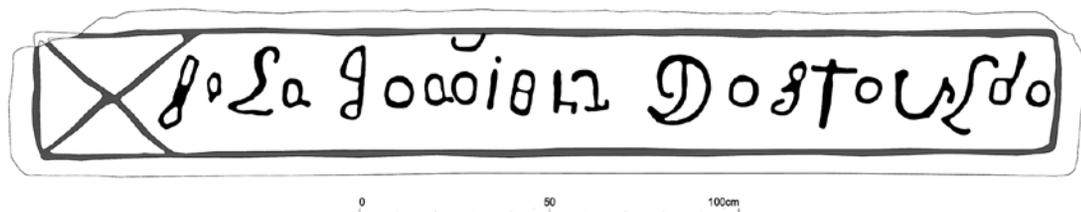


Figura 14. Levantamento gráfico da epígrafe da Casa do Passadiço.

N.º 8

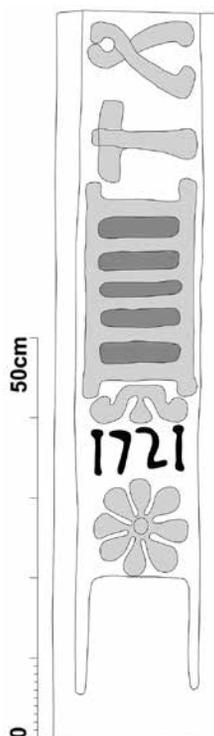


Figura 13. Levantamento gráfico da epígrafe do Cruzeiro da Poupa.

Designação: epígrafe 1 da Casa do Cárcere.

Tipologia: padieira.

Material: granito.

Localização: Casa do Cárcere, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: epígrafe gravada sobre a base da cruz que encima o portal nascente da Casa.

Leitura: 1656 (mil seiscentos e cinquenta e seis).

Comentário histórico: está documentalmente associada à realização de um contrato de emprazamento, que regulava o regime jurídico de exploração da propriedade entre o Mosteiro de Vilela (Paredes), senhorio, e a família da Casa.

N.º 9

Designação: epígrafe 2 da Casa do Cárcere.

Tipologia: padieira.

Material: granito.

Localização: Casa do Cárcere, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: inscrição gravada na padieira da porta de uma dependência da Casa do Cárcere.

Leitura: 1840 (mil oitocentos e quarenta).

Comentário histórico: esta segunda inscrição da Casa do Cárcere revela a data de 1840 e deverá assinalar a construção do volume arquitetónico no qual se encontra.

N.º 10

Designação: epígrafe da Casa de Além de Cima.

Tipologia: padieira.

Material: granito.

Localização: Lugar de Além de Cima, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: padieira da porta do beiral, voltada para a eira, com quatro caracteres numéricos gravados.

Leitura: 1688 (mil seiscentos e oitenta e oito).

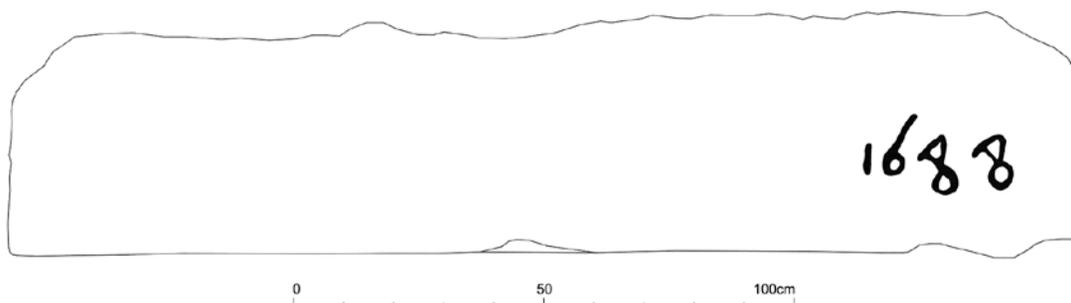


Figura 15. Levantamento gráfico da epígrafe da Casa de Além de Cima.

Altura dos caracteres: 10,1 cm.

Comentário paleográfico: a dimensão assimétrica e a disposição dos caracteres permitem considerar tratar-se de uma gravação espontânea, sem qualquer organização prévia do suporte.

Comentário histórico: no beiral da Casa de Além de Cima, ou do Casal da Eira, no lintel da porta voltada a sudoeste, para a eira, foram gravados quatro caracteres numéricos, que resultam na leitura da data 1688. Não foi possível determinar ao que se refere esta data, supondo-se que possa relacionar-se com a construção do beiral. Nenhuma referência se encontrou a esta casa em data anterior à memória paroquial de Nespereira, de 1758.

N.º 11

Designação: epígrafe da residência paroquial.

Tipologia: silhar.

Material: granito.

Localização: Residência paroquial, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: no pátio que surge a nordeste da residência paroquial da freguesia de Nespereira encontra-se uma inscrição composta por quatro caracteres gravados em silhar retangular (63 cm x 148 cm x 20 cm), de granito, que serve de guarda de um poço abandonado, construção que, quando em uso, fazia parte de um tanque-lavadouro que lhe está adjacente.

Leitura: 1890 (mil oitocentos e noventa).

Bibliografia: Nunes, Lemos e Leite (2010a; 2010b: 179-194). Num primeiro momento, considerou-se a possibilidade de se tratar de uma inscrição memorativa, datável do século XIX. Num momento posterior da investigação, foi considerada a hipótese de esta inscrição estar associada com a “construção do poço e, portanto, presumivelmente coeva da reedificação do salão paroquial, no século XVIII”.

Comentário paleográfico: em bom estado de conservação e oferecendo boa leitura, a inscrição compõe-se de regra única, com os caracteres abertos de modo regular, quer ao nível do espaçamento, quer ao nível da altura. O estudo agora apresentado revelou a dupla conjugação de caracteres alfabéticos e numéricos, cuja combinação,



Figura 16. Epígrafe da residência paroquial.



Figura 17. Vista geral sobre o tanque onde se encontra a epígrafe da residência paroquial.

em nosso entender, resulta na leitura da data 1890. Os numerais 1 e 9 são aqui representados por símbolos alfabéticos, respetivamente pelas letras “I” e “P”, exibidos em maiúsculas. A peculiaridade da inscrição resulta do facto de, por descuido ou analfabetismo do executor, não se ter invertido o “P”, de modo a resultar no algarismo 9.

Comentário histórico: é plausível que a inscrição tenha sido executada para datar a construção do poço.

N.º 12

Designação: epígrafe da Chamusca.

Tipologia: lintel.

Material: granito.

Localização: Rua da Chamusca, n.º 167, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: numa casa da Rua da Chamusca, concretamente na habitação anexa à “Mercearia da Glorinha”, foi gravada em lintel de porta, de formato retangular (65 cm x 245 cm x 22 cm), uma inscrição composta apenas por quatro caracteres numéricos, que formam a data 1873. Estes encontram-se insertos numa cartela envolvida por motivos vegetalistas, sendo sobreposta por uma cruz que lembra um cruzeiro devocional.

Leitura: 1873 (mil oitocentos e setenta e três).

Altura dos caracteres: 7,7 cm.

Comentário paleográfico: tal como acontece em muitas outras inscrições de datas catalogadas, o numeral 1 aparece-nos aqui representado por um “I” maiúsculo. Os restantes caracteres que completam a data compreendem o uso de símbolos numéricos, merecendo aqui uma chamada de atenção para o numeral 7, que se encontra invertido.



Figura 18. Epígrafe da Chamusca.

N.º 13

Designação: epígrafe da Igreja de Casais.

Tipologia: silhar.

Material: granito.

Localização: Igreja de Casais, União de Freguesias de Nespereira e Casais.

Descrição: inscrição executada sobre um silhar de granito retangular (94,8 cm x 65,5 cm), inserido no pano do muro do adro voltado a poente.

Leitura: ESTA / OBRA MA/NDOV FAZ/ER POR SUA / DEVOCAO O P(a)/D(re) ANTONIO N/AVAIS TAME/IRAO P(in)T(o) ABB(ade) / DESTA IGR(eja) / ANNO 1809

Altura das letras: L1: 5,9; L2: 5,3; L3: 5,9; L4: 5,8; L5: 5,3; L6: 5; L7: 5,6; L8: 4,9; L9: 4,4; L10: 4,9 cm.

Espaços interlineares: L1: 7,6; L2: 1,9; L3: 2,7; L4: 2,7; L5: 3,5; L6: 2,7; L7: 2,6; L8: 2,7; L9: 0,9; L10: 4,4 cm.

Bibliografia: Nunes, Sousa e Gonçalves (2008: 99). A epígrafe é mencionada sem ser apresentada a sua leitura, referindo-se apenas a data 1809.

Cardoso e Silva (2011: 2-3). É apresentada uma leitura, que se revelou incompleta: ESTA / OBRA MA/NDOV FAZ/ ER POR SVA / DEVOCÃO. P/D ANTO.O N/AVAIS TAME/IRAO PT ABB /...AI.... / ANNO-1809

Comentário paleográfico: inscrição composta por 10 regras em letra capital, de texto regularmente dimensionado e espaçado, o que mostra ter havido prévia paginação com recurso ao desenho de linhas guia. À exceção da palavra da primeira regra, que se encontra centrada, todo o restante texto aparece alinhado à esquerda. O próprio espaçamento interlinear permite depreender este cuidado anterior à gravação. Pese, embora, se perceba a idealização da composição epigráfica precedente à sua fixação no suporte, esta parece não ter sido executada de um folego só, uma vez que vai havendo uma expressiva redução do tamanho das letras, de cima para baixo. Para além desta evidente diminuição dos caracteres, a nossa ideia vê-se reforçada no uso de abreviaturas, que somente começa a ser empregue a partir da quinta regra, mas de modo particular nas oitava e nona regras, onde a contração, por omissão de três letras em igual número de palavras, foi a solução encontrada para que fosse possível a fixação de todo o texto.

A leitura de algumas letras revela-se, atualmente, algo penosa, por um lado, porque o suporte granítico se apresenta, de um modo geral, bastante erodido, resultante da exposição à intempérie, e, por outro, devido ao facto de estar à mercê de danos físicos regulares, estes particularmente visíveis no avivamento de diversas letras. São ainda notórios alguns destacamentos, que vão sendo provocados em razão da posição da inscrição, ao nível do piso de circulação.

Comentário histórico: feito o exame da documentação disponível, não foi possível determinar se esta epígrafe é evocativa das obras de construção (ou remodelação) da Igreja, ou se se refere unicamente à regularização e delimitação do adro. Ainda assim, constitui uma referência importante para a cronologia do edifício. Já em momento anterior se tinha verificado que a Igreja de Casais esteve impedida durante um período longo, na segunda metade do século XVIII, ficando a Capela de Santo António a servir de matriz, e os enterramentos divididos entre esta Capela e a de

Nossa Senhora da Piedade (Cardoso, Magalhães e Moreira, 2007: 57). Compulsando de forma interpolada e sem propósito sistemático a documentação paroquial, conseguimos obter uma ideia do que terá acontecido à Igreja nessa época. Num assento de óbito, datado de 21 de novembro de 1757, ficou registado um enterramento na

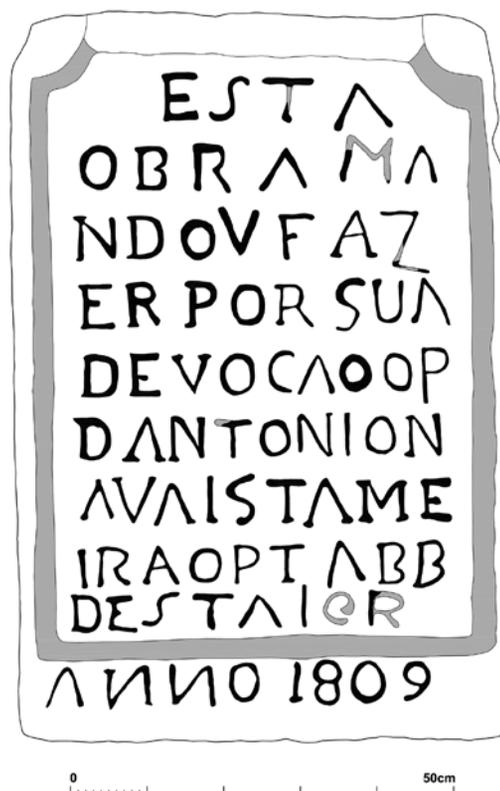


Figura 19. Levantamento gráfico da epígrafe da Igreja de Casais.



Figura 20. Epígrafe da igreja de Casais.

¹¹ Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. Freguesia de Casais. Óbitos ..., 1731-1780, fl. 288.

Capela de Nossa Senhora da Piedade “por não haver lugar dentro da Igreja Matris, e por esta se achar arruinada, e por cauza da grande enchente do Rio, e haver licença do ordinario [bispo] para se poderem sepultar nas Capellas, quando não coubessem na dita Igreja Matris”¹¹. Em 6 de agosto de 1761, voltamos a assistir a enterramentos na dita capela “por estar a Igreja Matris demulida e se não poder enterrar nella”¹². Até 1761 ainda se realizam enterramentos esporádicos na Igreja, mas a partir desta data passam a ser, preponderantemente, na Capela de Santo António e, muito excecionalmente, na Capela de Nossa Senhora da Piedade. A Capela de Santo António é referida como servindo de matriz até fevereiro de 1786, desconhecendo-se se, nesta altura, se operou algum restauro na Igreja que a habilitasse de novo para o culto. Não excluimos, portanto, que a Igreja de Casais tenha permanecido incapacitada durante um longo período de tempo e que a sua renovação só se tenha completado na data constante na epígrafe do muro do adro. A alusão à enchente que arruinou a Igreja, entre outubro e novembro de 1757, leva-nos a depreender que o seu assento estaria em local diferente, presumivelmente, a uma cota mais baixa que a atual. O padre António Novais Tameirão Pinto (ou Pinto Tameirão) era natural de Tarouquela, concelho de Cinfães, diocese de Lamego, filho de António Novais, sargento-mor de Sanfins, e de Josefa Luísa Teresa Tameirão. Era parente do seu predecessor na paróquia de Casais, o abade Manuel de Azevedo Freire, sendo seu coadjutor durante alguns anos. Pouco antes do velho abade morrer, foi nomeado pároco encomendado, acabando por ser designado abade de São Paio de Casais.

N.º 14

Designação: epígrafe da Capela de Lourosa.

Tipologia: lintel.

Material: granito.

Localização: Quinta de Lourosa, Sousela.

Descrição: a epígrafe está gravada no lintel superior retangular (40 cm x 192 cm) da porta principal da Capela de Santo António.

Leitura: ESTA CAPELA / MANDOU FA/ZER D(oming)OS ANT(oni)O NO/VO NO ANO DE 1[6]675

Altura das letras: L1: 6,5; L2: 5,4; L3: 5,1; L4: 4,6 cm.

Espaços interlineares: L1: 4,9; L2: 3,9; L3: 4,8; L4: 2 cm.

Comentário paleográfico: epígrafe composta por quatro regras em letra cursiva. As três primeiras regras encontram-se alinhadas à esquerda, sendo este alinhamento ultrapassado em 13 cm pela última regra. A natureza do suporte, em granito de grão grosseiro, e o facto de o autor ter optado pela letra cursiva na execução epigráfica tornaram esta inscrição de muito difícil leitura, como se pode depreender do levantamento gráfico efetuado. Ainda assim, salienta-se um certo cuidado tido no *ordinatio* e a qualidade do trabalho do lapicida.

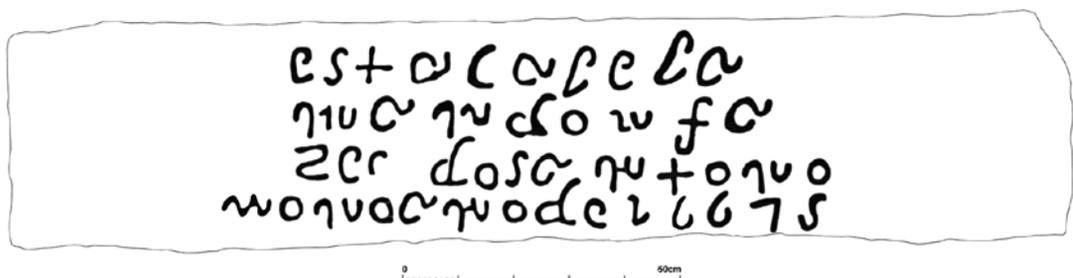


Figura 21. Levantamento gráfico da epígrafe da Capela de Lourosa.

¹² Arquivo Distrital do Porto. Fundo Paroquial. Freguesia de Casais. Óbitos..., 1731-1780, fl. 292v.

Chamamos a atenção para a data, cuja leitura é 1675, que tem duplicado o carácter numérico “6”. O executante terá tentado gravar sobre um saliente cristal de quartzo, mas verificando que a leitura ficaria dúbia, encetou novo talhe do mesmo numeral, desta feita sobre uma área um pouco mais regular.

Comentário histórico: a inscrição identifica o fundador da Capela de Santo António, existente na Quinta de Lourosa. Este Domingos António terá nascido nos primeiros anos do século XVII, casou com Ângela Ferreira, de quem teve descendência, e faleceu em Sousela, a 19 de março de 1689. Em 1645 é este casal que representa o prazo da Quinta de Lourosa, foreiro ao Mosteiro de Leça, durante a realização do tomo desta instituição monástica. O acrescento do epíteto “novo” surgiu, possivelmente, da existência de um contemporâneo com o mesmo nome, podendo assumir a forma de agnome, caso se tratasse de pessoa da mesma família, facto que não é de descartar. Esta fórmula de distinção de homónimos coetâneos ainda era comum na época a que se reporta esta epígrafe e em Sousela surgem vários casos representativos desta realidade. Contudo, a falta de parquiais mais antigos não nos permitiu alcançar o homónimo que daria pelo epíteto de “o velho”.

N.º 15

Designação: epígrafe da Igreja de Lodaes.

Tipologia: peanha de púlpito.

Material: granito.

Localização: Igreja, Lodaes.

Descrição: quatro caracteres numéricos gravados na base curva do púlpito da Igreja de Lodaes.

Leitura: 1689 (mil seiscientos e oitenta e nove).

Altura dos caracteres: 7,2 cm.

Bibliografia: Moura (2009). O autor faz referência à existência da epígrafe e avança com uma leitura correta.

Comentário paleográfico: conjunto de quatro caracteres, sulcado obliquamente na peanha curva do púlpito da Igreja de Lodaes, que resulta na data 1689. O numeral “1” surge aqui exibido pelo carácter alfabético “I”. Os numerais “6” e “8” terão sido mal traçados, pelo que a execução por parte do lapicida acaba também por se refletir na sua imprecisão.

Comentário histórico: a Igreja de Lodaes constitui um exemplo característico de um templo de fundação particular, que enraíza a sua origem na plena Idade



Figura 22. Fachada principal da Capela de Lourosa, onde se encontra a epígrafe.

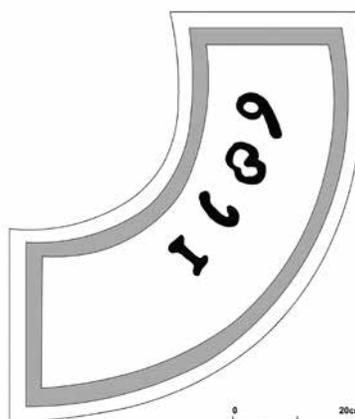


Figura 23. Levantamento gráfico da epígrafe da Igreja de Lodaes.



Figura 24. Epígrafe da Igreja de Lodaes.

Média. A conservação do edifício, associada ao aumento da população e às alterações da liturgia, determinaram inevitáveis ampliações e reformas da Igreja ao longo dos séculos. Apesar de não alcançarmos a confirmação documental, é muito plausível que a data inscrita na peanha do púlpito corresponda a um destes momentos de remodelação construtiva da nave da Igreja, inscrita numa muito provável, embora tardia, adaptação à renovação litúrgica imposta pela Contrarreforma.

N.º 16

Designação: epígrafe da residência paroquial.

Tipologia: cartela inserida num lintel.

Material: granito.

Localização: Residência paroquial, Lodares.

Descrição: a epígrafe está inscrita no interior liso de uma cartela subcircular (44 cm x 52,5 cm), ornamentada, na sua orla, por motivos vegetalistas. Esta cartela insere-se num lintel de porta ligeiramente curvado ou alçado com a dimensão de 165 cm x 62 cm x 15 (18) cm.

Leitura: REFO=/RMADA · / EM 1815

Altura das letras: L1: 7,6; L2: 7; L3: 7,3 cm.

Espaços interlineares: L1: 13,2; L2: 1,1; L3: 0,9 cm.

Comentário paleográfico: inscrição organizada em três regras, alinhadas ao centro numa cartela subcircular. Texto fixado em letra capital. Embora estejamos perante uma inscrição curta, esta revela uma composição epigráfica muito cuidada e equilibrada, evidenciando prévio *ordinatio*. A sua leitura só foi possível pelo recurso a luz rasante, uma vez que os caracteres gravados apresentam sulcos de pouca profundidade, resultante da exposição à intempérie.

Inscrição de texto completo, sem qualquer tipo de contração, tendo apenas a inclusão de dois símbolos, que concorrem para a sua mais clara compreensão, tratando-se concretamente de dois curtos travessões horizontais, no final da primeira regra, que assinalam a translineação da palavra para a regra seguinte, e um ponto distinguente, no final da segunda regra, que marca o fim da palavra “REFO/RMADA”.

Comentário histórico: através de testemunhos orais, fomos informados que este lintel com cartela foi retirado da fachada da Igreja de Lodares durante a última grande requalificação a que o edifício foi submetido, no ano de 1952. Não foi possível reunir documentação iconográfica desse momento de intervenção na Igreja, bem como os desenhos de plantas e alçados que deveriam acompanhar o projeto arquitetónico. Admitimos que a intervenção ter-se-á concentrado, primordialmente, na renovação da fachada e na reorganização da espacialidade interior. Também não pudemos alcançar fotografias anteriores ao restauro de 1952, impossibilitando-nos a certeza da integração do referido lintel na fachada da antiga Igreja. Contudo, a crer na memória coletiva local, estamos na presença de uma inscrição que refere uma outra intervenção na Igreja, ocorrida no ano de 1815.



Figura 25. Levantamento gráfico da epígrafe da residência paroquial.



Figura 26. Epígrafe da residência paroquial.

3. Apontamento final

Os dados que se apresentam neste momento constituem uma pequena parte do trabalho de identificação e inventariação já efetuado e não compreendem sequer a totalidade das epígrafes conhecidas para a área oeste do concelho de Lousada. O inventário até agora realizado, e que em momento oportuno será divulgado, contempla outros monumentos epigráficos que não foi possível analisar e concentrar neste breve estudo preliminar. Também já foi assinalado que, desde que

inaugurámos este projeto, outros contributos foram, entretanto, surgindo, acrescentando dinâmica e novos dados ao propósito que formulámos.

A presente iniciativa de síntese e catálogo organizado pretende, acima de tudo, garantir maior expressão de divulgação ao Projeto e à temática, expondo-os à comunidade, na esperança de obter reações e escrutínio. Será possível e desejável repetir este formato de divulgação, contudo, só um projeto monográfico permitirá uma abordagem de fundo e uma perspetiva global das características, diversidade e surpresa que a epigrafia local e regional encerram.

Fontes e Bibliografia

Fontes

ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO

Fundo Monástico. Comenda de Santa Eulália da Ordem. Livro 4.º do Tombo.

Fundo Paroquial. Freguesia da Foz do Douro.

Fundo Paroquial. Freguesia de Lodaes.

Fundo Paroquial. Freguesia de Casais.

Fundo Paroquial. Freguesia de Sousela.

ARQUIVO DIOCESANO DO PORTO

Autos de petição para mudança de capela de Santa Luzia a favor de José Ferreira Leal da freguesia de Figueiras. [Processo contendo vários documentos], 1733.

Bibliografia

BARROCA, M. J. (2000) – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422): corpus epigráfico medieval português*. Porto: FCG/FCT/MCT, Volume 1.

- CAPELA, V., MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. (2009) – *As freguesias do distrito do Porto nas memórias paroquiais de 1758: memórias, história e património*. Braga: Edição de autor.
- CARDOSO, C. (2008) – História e património das freguesias. In *As ruas e freguesias de Lousada*. Braga: Publitrabalho Edições.
- CARDOSO, C., MAGALHÃES, P.; MOREIRA, C. (2007) – *A casa do Carregal e a quinta da Tapada: 800 anos de história*. Lousada: Reviver Editores.
- CARDOSO, C.; SILVA, E. (2011) – A igreja de São Paio de Casais. *Revista Municipal*. Lousada. Ano 12, N.º 85.
- CARDOSO, C.; SOUSA, L. (2011) – Dois documentos epigráficos medievais inéditos da igreja de Boim (Lousada). *Revista Municipal*. Lousada. Ano 12, N.º 87.
- _____ (2013) – Catálogo epigráfico de Lousada: memórias epigráficas de frei André Marques de Almeida. *Revista Municipal*. Lousada. Ano 14, N.º 113.
- _____ (2015) – *São João Evangelista de Covas: património religioso*. Lousada: Dalmática.
- CORREIA, F. C. (2009) – *O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, Vol. 1.
- COSTA, A. C. da (1706) – *Corografia portuguesa...* Lisboa: Valentim Costa Deslandes, Tomo I.
- CUNHA, R. da (D.) (1742) – *Catálogo dos bispos do Porto*. Porto: Officina Prototypa. Parte II. 2.ª Impressão.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1997) – *Introdução ao estudo da epigrafia latina*. Coimbra: FLUC/Instituto de Arqueologia.
- _____ (2010) – *Epigrafia: as pedras que falam*. 2.ª edição. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- LOPES, E. T. (2004) – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- MAGALHÃES, P. (2014) – *Nespereira: apontamentos sobre a sua identidade religiosa*. Nespereira: Fábrica da Igreja Paroquial.
- MAGALHÃES, P., MOREIRA, C., CARDOSO, C.; SOUSA, L. (2009) – *Silvares: um percurso pela sua história*. Lousada: Reviver Editora.
- MATOS, A. de (1943) – Nótulas Epigráficas. 1ª Série. *Douro Litoral*. Porto. N.º VII, p. 5-18.
- _____ (1946) – Epigrafia do Douro-Litoral: introdução. *Douro Litoral*. Porto. 2.ª Série, n.º V, p. 13-20.
- MOURA, A. S. de (2009) – *Lousada antiga: das origens à primeira República: 2.ª Parte – Das Freguesias*. [s.l.]: Ed. Autor.
- NUNES, M., LEMOS, P.; LEITE, J. (2010a) – Acompanhamento arqueológico das obras de remodelação do salão paroquial de Nespereira: resultados da 1.ª fase dos trabalhos. *Revista Municipal* (Suplemento de Arqueologia). Lousada. Ano 11, N.º 74.
- _____ (2010b) – Acompanhamento arqueológico das obras de remodelação do salão paroquial de Nespereira. *Oppidum*. Lousada. Ano 5, N.º 4, p. 179-194.

- NUNES, M.; LEMOS, P. (2014) – Uma inscrição, dois monogramas: reflexões acerca de uma epígrafe inédita em Lustosa (Lousada). Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Lousada. Ano 15, 3.ª Série, n.º 121, p. 1-4.
- _____ (2015) – O livro “Pachecos”: contributos genealógicos para a arqueologia de Santo Estêvão de Barrosas (Lousada). *Revista Municipal*. Lousada. Ano 16, N.º 133.
- NUNES, M.; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. (2008) – *Carta arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- NUNES, M.; SOUSA, L.; GONÇALVES, C.; CARDOSO, C. (2007) – Marcos de propriedade no concelho de Lousada: notas para a sua significação histórico-arqueológica. *Oppidum*. Lousada. N.º 2, p. 39-56.
- PEIXOTO, F. A. (pe.) (1915) – Louzada: sua origem e antiguidades: Figueiras. *Jornal de Louzada*. Lousada. N.º XX.
- SANTOS, C. A. D. (1973) – *O censal da mitra do Porto: subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do concílio de Trento. (Documentos e memórias para a história do Porto, 39)*. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- SARMENTO, F. M. (1999) – *Antígua: apontamento de arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. Leitura e organização de António Amaro das Neves.
- SILVA, J. C. R. da (1997) – *As capelas públicas de Lousada*. Porto: Universidade Portucalense. Vol. II. Tese de seminário (texto policopiado).
- SOUSA, L. (2010) – Monumento epigráfico da Quinta de Santo Adrião (Silvares, Lousada). *Revista Municipal* (Suplemento de Arqueologia). Lousada. Ano 11, N.º 76
- SOUSA, L.; CARDOSO, C. (2013) – Catálogo epigráfico de Lousada: epígrafe do Penedo do Sol (Figueiras). *Revista Municipal*. Lousada. Ano 14, N.º 106.
- _____ (2015) – Catálogo epigráfico de Lousada: epígrafes memorativas da freguesia de Nespereira. *Revista Municipal*. Lousada. Ano 16, N.º 130.